

Cineconversas – usar e criar filmes com docentes

Rossana Maria Papini

Universidade Federal Fluminense, Brasil

Sandra Kretli da Silva

Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Marcia Costa Rodrigues

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

“Cineconversas – Usar e criar filmes com docentes”. Esse foi o trabalho que preparamos para dialogar com as *Asamblea/Assambleias* previstas no VIII SIPACV – Seminário Internacional de Pesquisa em Arte y Cultura Visual. A proposta apresentada pelo Seminário: “*frente a um presente tumultuoso, que insiste em la promesa del éxito individual, apostamos a um espacio abierto a lo grupal*” se entrelaçava com os modos de fazer do nosso grupo de pesquisa: “Currículos cotidianos, redes educativas, imagens e sons”, coordenado pela professora Nilda Guimarães Alves (ProPEd¹/UERJ). Atuamos – em ensino, pesquisa e extensão – com algumas ideias centrais tais como: cotidianos, conversas e ‘cineconversas’ (Mendonça et Alii, 2020), redes educativas (Alves, 2019), acontecimentos (Deleuze, 1991), imagens e sons e afetos, buscando compreender a formação docente, para além da estrutura disciplinar dos currículos e considerando as múltiplas dimensões das ações ‘*docentesdiscentes*’² cotidianas – éticas, estéticas, políticas e poéticas, por meio do uso e criação de arte-fatos culturais múltiplos: filmes; *podcast*; livros e artigos; história em quadrinhos; etc.

Nosso trabalho acontece em conversas com as obras de Certeau (2014), Deleuze (1991), autores brasileiros e latino-americanos que desenvolvem suas ideias com os cotidianos, as imagens, os sons e os afetos como: Kaplan; García; Szapu (2025), Alves (2019), Carvalho; Silva (2023), Silva (2019), dentre outros. Poetas como Manoel de Barros, cineastas, fotógrafos e muitos outros que nos inspiram nessa composição de vida.

Quem anda no trilho é trem de ferro, sou água que corre entre pedras: liberdade caça jeito.

(Manoel de Barros)

1. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

2. Nas pesquisas *nosdoscómos* os cotidianos escrevemos algumas palavras juntas, entre aspas simples, para costurar ideias que foram dicotimizadas pela Modernidade, mas que entendemos precisar serem lidas, sentidas e pensadas juntas, se buscamos outros modos de ‘*fazersentirviver*’.

Trouxemos inicialmente para o encontro em Montevideu algumas de nossas vivências com as “cineconversas”, quando usamos o áudio visual para “sair do trilho”, problematizar³, costurar memórias, narrativas e fabulações, tecendo ‘conhecimentossignificações’ com professores, professoras, pesquisadores e pesquisadoras em suas possibilidades formativas. O “uso” para Certeau (2014), significa uma poética – invenção. Assim, nesse movimento inventivo selecionamos filmes, textos, fotografias; narrativas e afetos que funcionam como personagens conceituais na criação de agendas de mudança e de resistências.

Trabalhamos, também, com as ideias de virtual-atual e possível-real (Deleuze, 1991), em processos gerados por acontecimentos (Sousa, 1995), não como eventos acidentais ou espetáculos midiáticos mas como objetos da filosofia, “como água que corre entre pedras”. Acontecimentos como “devires”, que transbordam o existente, vão além do acontecido, geram movimentos de invenção, criam possibilidades outras.

Deleuze (1991) exemplifica em A dobra: “um homem é esmagado: a grande pirâmide é um acontecimento, e sua duração por 1 hora, 30 minutos, 5 minutos..., uma passagem da Natureza ou uma passagem de Deus, uma visão de Deus”. E assim problematiza: “Quais são as condições de um acontecimento, para que tudo seja acontecimento?” Sabemos que um acontecimento se constitui em uma multiplicidade de forças e de intensidades, mas que desse caos, sempre sairá alguma coisa. E assim, questionamos que processos de diferenciação emergiram desse encontro de professoras⁴ e pesquisadoras em Montevideu? Que condições foram criadas para este acontecimento?

Costuramos esses movimentos com a ideia de virtualidade (Deleuze e Parnet, 1996), indicando que, quando há criação, o real é potência do virtual. O devir como potência, como virtualidade do que está posto. Desta forma, utilizamos as conversas, as imagens, os sons e os afetos provocando memórias e novas narrativas e virtualidades.

Entendemos afeto a partir de Spinoza (2014, p. 98), que compreende “afeto como as afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou refreada, e, ao mesmo tempo, as ideias dessas afecções”. Portanto, os encontros fazem transbordar afetos e afecções, especialmente porque ocupamos um ‘espaçotempo’ em que o signo da arte possibilita movimentos do pensamento e de múltiplas criações.

A partilha do sensível (Ranciére, 2009) possibilita que a força de resistência coletiva possa se expandir, fazendo romper com o pensamento dogmático e possibilitando emergir a diferença, o pensamento sem imagem – a força inventiva. A partilha do sensível possibilita que um comum compartilhado seja enunciado e nesse grito coletivo surja a força da resistência, que se apresenta de múltiplas maneiras em todos os lugares do mundo. Por exemplo: a força que emerge das cores do cerrado; de muitos elementos da natureza como o carvão; dos gestos e as marcas dos bordados realizados pelos grupos de mulheres em luta. E são nesses

3. Problematicamos a formação docente inspiradas em Foucault (2004) a fim de interrogar o presente, desnaturalizando ideias e discursos. Essa posição implica uma atitude crítica ao pensamento representacional e uma abertura aos movimentos de invenção.

4. Usamos no feminino porque em educação somos maioria mulheres. Mulheres fortes e guerreiras.

movimentos éticos, estéticos, políticos e poéticos que as diferentes maneiras de fazer arte, política e educação são compartilhadas.

Um outro exemplo dessa força foi o encontro intitulado “*DESencuentros: misturas y colaboraciones em lo poético-político*”, realizado no VIII SIPACV, possibilitou experimentações maravilhosas com o ‘*corpopensamento*’. Imagens, sons, gestos, alterações de temperatura, encontros inusitados com debates em pequenos grupos e discussões calorosas imprimiram a força daquela coletividade.

O piso de madeira da faculdade registrado na imagem a seguir traz uma das forças desse encontro que fez corpos vibrarem em coletividade. Um piso cheio de marcas das travessias e de muitas histórias que já foram realizadas naquele espaço. O formato de assembleia proposto, com ‘*espacostempos*’ de experimentações coletivas, deu abertura para que o inusitado e os movimentos imprevisíveis acontecessem. Assim, em cada sala, e também fora delas, pois alguns grupos preferiram sair para espaços abertos, foram tecidas e compartilhadas várias rede de invenções – nas e com as trocas de histórias, memórias, ‘*saberesfazer*es’, risos, abraços, afetos, sensibilidades, partilhas, e múltiplos ‘*conhecimentossignificações*’.



Fig. 1. Imaginar juntxs no es um lujo estético, es una urgencia política. Fonte: das pesquisadoras



Fig. 2. A alegria do coletivo como o ato revolucionário.
Fonte: disponibilizada pelos organizadores do evento

Nos intervalos, muitas conversas e burburinhos de como teria sido os encontros em cada grupo possibilitou o contágio e a confluência (Bispo, 2018), o que fez emergir a energia coletiva e a força da união e do compartilhamento de experimentações de saberes e de existências. Cada um expressando em sua língua os seus sentimentos, as suas ideias e diferença – o conhecimento do mundo e um comum compartilhado.

A nossa participação apresentando o filme “Só dez por cento é mentira”

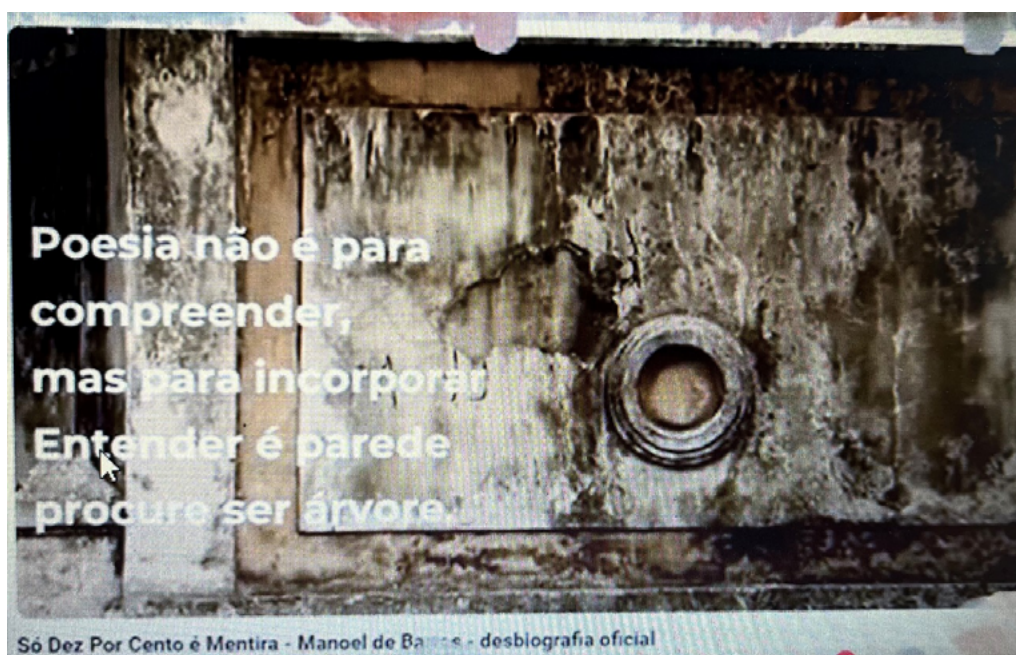


Fig. 3. Poesia não é para compreender...
Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=-VG4P_mWWAIO

Trouxemos o filme 'vistoouvidosentidopensado' "Manoel de Barros - Só Dez por Cento é Mentira", dirigido por Pedro Cezar (2009; Brasil) e o filme criado pelo grupo de pesquisa a partir das cineconversas que tivemos com docentes em serviço e em formação em Manaus/AM, Salvador/BA, Vitória-Serra/ES, Nova Friburgo -São Gonçalo-Rio de Janeiro/RJ, no desenvolvimento do projeto de pesquisa/extensão/ ensino "Currículos 'praticadospensados' nos cotidianos – criações curriculares para além da estrutura em disciplinas" (de março/2022 a fevereiro/2027; financiamento CNPq, CAPES, FAPERJ, UERJ): "Só dez por cento é mentira – fabulações e criações de si a partir das cineconversas com Manoel de Barros". Ima

Nos encontros para dialogar com as ideias do poeta, as imagens literárias e cinematográficas usadas como disparadoras de movimentos de pensamentos possibilitou a problematização das políticas educacionais e curriculares atuais e a fabulação e invenção de novas imagens para as escolas e para a educação.

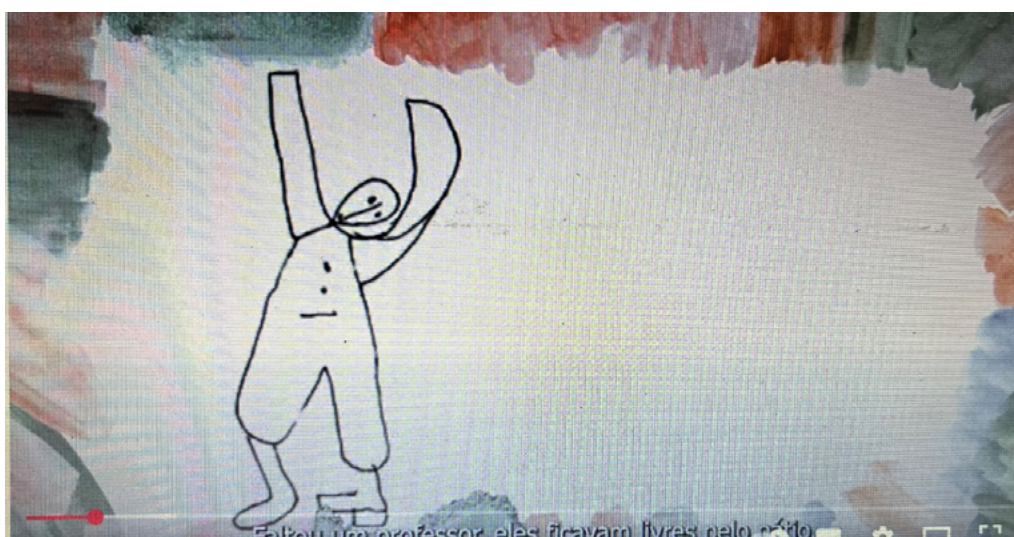


Fig. 4. Fabulações e invenções.
Fonte: <https://youtu.be/Z3BCD5u56TY>.

*O que o olho vê,
a lembrança revê e a imaginação transvê.
É preciso transver o mundo"*
(Manoel de Barros).

A força, a simplicidade e ao mesmo tempo a complexidade das poesias de Manoel de Barros nos instigaram a fazer "uso" (Certeau, 2014) do filme "Só Dez por Cento é Mentira" nas cineconversas. Por meio do encantamento das palavras do poeta, dos sons e das imagens do filme, no " *recolher desperdícios*", puxávamos vários fios para as nossas conversas. Cada grupo com suas narrativas, lembranças, afetos e proposições. A cada encontro surgiam temas diferenciados e as imagens cinematográficas provocando diferentes modos de 'verouvirsentir' e a problematização de alguns clichês educacionais, fazendo com que novas imagens pudessem ser fabuladas e inventadas (Silva, 2019).

O poeta, "que transforma coisas através das palavras", que "tem um olhar enviesado" e "vê as coisas que não existem" nos provocou a conversar acerca das

escolas que fazemos; dos processos de *'ensinoaprendizagem'* que vivemos e *'pensamospraticamos'*; das vivências na pandemia; dos usos que fizemos e que fazemos das tecnologias, entre muitos outros temas. Brincando com as palavras, trazíamos as diversas redes que nos formam e que também formamos para esse “quintal” de afetos e trocas. Sim o “quintal” da poesia do autor, como *'espaçotempo'* de vida, como espaço de brincar e de *'ensinaraprender'*:

- *Não usamos a linguagem, ela nos constitui;*
- *Ocupamos os territórios de múltiplas maneiras, não são só as crianças que usam o chão para amarelinhas, caracol e outros jogos. Nós também fazemos usos diferentes dos espaçotempos;*
- *Ficar à toa significa ficar à disposição da poesia. Também é uma rede educativa;*
- *Se olharmos para o “céu”, também podemos *'verouvirsentir'* muitas coisas de outras formas;*
- *Ele comprou o ócio... conquistou a capacidade de criar.*
- *Falamos tanto em coerência, quando sabemos que ela não existe, ou melhor, ela existe junto da incoerência, se misturam;*
- *Nas redes de conversação atualizamos quem somos e as possibilidades são infinitas;*
- *São diferentes lugares de existir.*

Esses foram alguns fragmentos das cineconversas, pois não conseguimos, nem pretendemos, dar conta da pluralidade vivida. Uma bricolagem para desafiar cada novo leitor a costurar novos textos, experiências e poéticas.

A proposta inicial de narrar um pouquinho do que aconteceu nessas cineconversas, com os diferentes grupos espalhados pelo Brasil e do processo de tessitura de um outro audiovisual a partir das mesmas, onde destacaríamos a polifonia e a diversidade de temas que surgiram, se transformou em uma grande colcha de retalhos, costurada por todos os participantes do Eixo 3: “Educación, Arte y Cultura Visual”, do VIII SIPACV. As Asamblea/Assembleia foram dias de intensas trocas, *'ensinosaprendizagens'* diversos, emocionantes experiências e afetuosos encontros.

Arte e vida: Imagens, Narrativas, Afetos e composições coletivas

O vivido lá superou as expectativas. Sabíamos que seriam experimentados e criados novos caminhos de como expandir a força coletiva no/do seminário, já no seu oitavo fazer-se. Mas as intrincadas trilhas da organização do grupo para o qual fomos enviadas, de início pareceu um tanto complicadas e até talvez exóticas – no sentido de estranhas – diferente. Escolher entre palavras, objetos e coisas disponibilizadas no sentido de vir a fazer composições foi o passo inicial, depois daí se criaram dinâmicas criativas que possibilitaram um certo correr entre grupos, sem um pertencimento único, a conhecer pessoas, projetos e múltiplas ações pedagógicas em territórios do Brasil, do Uruguai e outros territórios. Riqueza pura, troca de vivências mais espontâneas do que o formato, digamos, mais tradicional, onde os recortes de *'temposespaços'* são delimitados para expositores com suas comunicações orais, em salas que de certa forma distanciam as pessoas, não propiciando estes encontros mais densos, de mais significados e impressões. Foram grandes e significativas trocas. Processos inusitados foram compartilhados, como a moça que

“desenhava” formas no papel térmico⁵ a partir do uso de ferro elétrico. Também o rapaz que descreveu, a partir de fragmentos de tijolos maciços e outros objetos de cerâmica, como organizava a construção coletiva de fornos à lenha em periferias de sua cidade e assava peças, em experiências comunitárias. Da mesma maneira, buscamos compartilhar os significados das *cineconversas* e dos usos do cinema na formação docente, bem como socializando e recitando poemas impressos do poeta Manoel de Barros, algo que sempre traz inspiração e leveza.



Fig. 5. Fio e Fogo.
Fonte: disponibilizada
pelos organizadores do
evento



Fig. 6. Ferro para passar
ideias e inventividades.
Fonte: [https://drive.
google.com/drive/u/1/
home](https://drive.google.com/drive/u/1/home)

5. O papel térmico advém de bobinas feitas para abastecer as máquinas de cartão, com a impressão de comprovantes. Foi uma aula sobre estes outros usos para este papel e sobre suas particularidades.

Uma das autoras elaborou a dinâmica de fazer uma tessitura com um novelo de barbantes, onde o fio ao ser seguro por múltiplas mãos ia se fazendo teia, ilustrando a ideia cara ao grupo de pesquisa, que são as redes educativas que tecemos e que nos tecem ao longo da vida.

Os fartos e divertidos cafés da manhã, servidos no Seminário antes das atividades do dia, foram momentos amenos de socialização, como acontecem nos cotidianos escolares. Onde também estavam presentes tradições alimentares do país, como bons sanduíches de pão de miga e croissants. Para complementar essas vivências de encantamento, realizamos algumas vivas andanças pela capital Montevideu experimentando outros afetos, cores, saberes e sabores, como que emoldurando estes movimentos caros ao grupo de pesquisa, de afecções e afetos, propiciando um clima final de confraternização, descobertas e alegria.

Referências

- ALVES, Nilda. Sobre as redes educativas que formamos e que nos formam. In Alves, Nilda. **Práticas pedagógicas em imagens e narrativas** – memórias de processos didáticos e curriculares para pensar as escolas hoje. S. Paulo: Cortez, 2019: 115 – 133.
- BISPO DOS SANTOS, Antônio. **Somos da terra**. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, n. 12, p. 44-51, ago. 2018.
- CARVALHO, J. M.; SILVA, S. K. Currículo como arte em torno de uma educação contracultural. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, v. 39, 2023.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do Cotidiano 1** – artes de fazer. Petrópolis/RJ: Vozes, 2014.
- DELEUZE, Gilles. **A dobra** – Leibniz e o barroco. S.Paulo: Papirus, 1991.
- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. O atual e o virtual. In: **Dialogues**. Paris:
- FOUCAULT, Michel. Polêmica, política e problematizações. In M. Foucault, **Ditos e Escritos V** (pp. 225-233). Rio de Janeiro: Forense Universitária. (Originalmente publicado em 1984). Flammarion, 1996, 2004.
- KAPLAN, Carina Viviana; GARCÍA, Pablo Daniel; SZAPU, Ezequiel. La categoría de trayectorias educativas en clave afectiva: la metáfora del viaje. **Revista Leitura: Teoria & Prática**. Campinas, São Paulo: Programa de Pós-graduação em Educação, v.43, n.93, p.41-57, 2025.
- MENDONÇA, Rosa Helena de; SANTOS, Joana Ribeiro dos; TOJA, Noale; MORAIS, Maria. “Cineconversas” e fabulações curriculantes: o uso de filmes e a potência das conversas como metodologia de pesquisa em Educação. **Revista e-Curriculum**. São Paulo: Programa de Pós-graduação em Educação: Currículo – PUC/SP, v.18, n.4, out./dez. 2020:1109-1130.
- SILVA, Sandra Kretli da. As imagens cinematográficas como força que impulsiona o devir-pensamento no cotidiano escolar. **Revista Teias**. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Educação (Proped), Uerj, v.20, n. 59, 2019.
- SOUSA, Dias. **Lógica do acontecimento**: Deleuze e a filosofia. Porto: Afrontamento, 1995.